

A experiência do filosofar em tempos pandêmicos

*Geraldo Balduino Horn
Alexander Machado*

Seguindo os mesmos rituais das olimpíadas anteriores, após um longo período de organização, divulgação e orientação, por parte da Comissão Organizadora - com o apoio dos(as) professores(as), pedagogos(as) e diretores(as) das escolas -, foi possível realizar a VIII Olimpíada Filosófica do NESEF.

A primeira etapa ocorreu nas escolas e no dia 29 de outubro de 2021 os trabalhos foram apresentados por meio de salas virtuais. Foi um momento muito especial para todos nós professores e estudantes de Filosofia da Educação Básica e do Ensino Superior que participamos de mais esta Olimpíada de Filosofia organizada pelo Coletivo do NESEF-UFPR.

A realização da Olimpíada online, em meio à pandemia, tornou este evento ainda mais desafiador. Mesmo que com pequenos problemas técnicos e de conexão, próprios da natureza da ágora virtual, o evento foi muito produtivo. Do ponto de vista da experiência do pensar, todas as equipes que se inscreveram e participaram ativamente de todas as etapas da Olimpíada não só contribuíram com a aquisição de novos conhecimentos e reflexões de natureza filosófica, como também enalteceram a relação entre cultura, filosofia e história.

Neste ano, tivemos a grata satisfação de acolher trabalhos de 15 estados de todas as regiões do país com um total de 151 equipes inscritas. Destes trabalhos, 125 foram aprovados e foram apresentados em salas temáticas específicas, sendo 30 da segunda fase do Ensino Fundamental, 91 do Ensino Médio e 03 do Ensino Superior. Ao todo 104 professores se envolveram na organização e coordenação de equipes olímpicas.

Nos últimos anos a Filosofia e as disciplinas das Humanidades vêm sofrendo sucessivos ataques das elites econômicas e políticas de nosso país. Em 2016, provocaram o golpe jurídico-parlamentar-midiático destituindo a presidenta Dilma Rousseff e na sequência produziram sucessivos golpes com reformas contra os direitos dos trabalhadores como foi a Reforma Trabalhista e a Reforma da Previdência.

No caso da educação, mesmo com muitas manifestações de resistência não foi possível evitar a promulgação da Reforma do Ensino Médio - Lei 13.415/2017. Esta famigerada lei é responsável pela fragmentação e enfraquecimento dos conteúdos curriculares, especialmente das disciplinas da área de humanas (Filosofia, Sociologia, Artes...), prejudicando sobremaneira a formação intelectual e cultural de nossos jovens.

Nesse sentido, a Olimpíada deste ano constituiu-se num ato de resistência e de luta contra as corporações que defendem a educação para poucos, para as elites. Representou também a reafirmação do nosso compromisso em defesa do ensino de Filosofia em todos os níveis de escolarização e da educação escolar identificada e comprometida com as causas sociais.

Lembramos também que, mesmo a contrapelo, na contramão da história, nas últimas décadas, no Brasil e na América Latina a Filosofia passou a fazer parte do cenário cultural e político de grandes instituições e eventos internacionais. Nesse sentido, relembramos aqui o que diz a Declaração de Paris em prol da Filosofia, elaborada e assinada, em 1995, por filósofos de diferentes países reunidos num encontro de Filosofia, em Paris.

Em certo momento a Declaração afirma: “Julgamos que o desenvolvimento da reflexão filosófica, no ensino e na vida cultural, contribui de maneira importante para a formação de cidadãos, no exercício de sua capacidade de julgamento, elemento fundamental de toda democracia.” Em sintonia com o teor filosófico da Declaração de Paris e com os inúmeros manifestos, cartas e moções publicadas nos últimos anos em defesa do ensino de Filosofia e do livre pensar, a VIII Olimpíada Filosófica do NESEF procurou estimular o desenvolvimento do espírito crítico e dialógico entre os estudantes e professores a partir da interpretação e compreensão de conceitos e problemas filosóficos presentes tanto nos textos clássicos da História da Filosofia como na vida real dos homens e mulheres que trabalham e lutam todos os dias para produzir sua existência com dignidade e alteridade, resistindo à sociedade capitalista de teor tecnocrático que incentiva a competitividade e o “salve-se quem puder”.

É com este espírito filosófico que a edição d’O Sísifo deste mês apresenta algumas reflexões de estudantes, professores(as) e mediadores(as) de salas realizadas a partir das observações e impressões que tiveram como participantes da Olimpíada. Na primeira matéria, Henrique Breviglieri e Edson Teixeira mostram a Olimpíada do NESEF como sinal de resistência e denúncia de contradições e antagonismos sociais. Em seguida, Lidiane Grutzmann e Mayco Delavy relatam a experiência da participação do Colégio Nossa Senhora Medianeira nas Olimpíadas deste ano. Já na matéria seguinte, Julia Hass de Lima, Stephany Biesek, Nataly de Freitas de Moraes, Luana Aparecida de Souza, Sthefany Eduarda da Silva Prado, Flavia Maria Krenski e Paulo Renato Araujo Dias revelam os desafios do filosofar por meio do áudio visual. Por fim, Luciana Vieira de Lima e Raquel Aline Zanini mostram a importância do papel dos(as) mediadores(as) das salas temáticas como propulsores do diálogo filosófico.

A Olimpíada do NESEF como sinal de resistência e denúncia de contradições e antagonismo sociais

*Henrique Breviglieri
Edson Teixeira de Rezende*

A Olimpíada do NESEF, abrangendo centenas de trabalhos enviados e alcançando 15 estados do Brasil, demonstra que a sociedade resiste aos ataques duros que o Estado tem desferido à cultura, à educação e ao pensamento crítico, autônomo e emancipado(r).

As humanidades, a filosofia e as artes vivem, em nosso país, um processo de extinção gradativa. A desvalorização profissional desestimula os jovens a escolher carreiras associadas às ciências humanas/sociais, filosofia e artes. Além do enorme empobrecimento cultural, especialmente pelo definhamento do pensamento crítico e autônomo, os cursos e departamentos dessas áreas enfraquecem a ponto de não conseguirem mais se sustentar. Em todo território nacional, cursos de formação de professores que sempre foram referências em suas localidades estão sobrevivendo com a quantidade mínima de estudantes e, ainda assim, tendo de fazer vários processos seletivos para vagas remanescentes. O lugar do docente em nosso país é cada vez mais vertiginoso, o que denuncia o caráter, as intenções e os projetos de quem faz as políticas públicas nos tempos atuais.

Apesar da mostra de resistência dada pela VIII Olimpíada de Filosofia organizada pelo NESEF, a prevalência de trabalhos inscritos advindos de escolas privadas manifesta políticas públicas que desestruturam, negam ou descaracterizam a filosofia como disciplina escolar, que precisa de tempo pedagógico adequado, professor com formação na área e condições de trabalho e salário compatíveis com o trabalho para o ensino-aprendizagem de filosofia; promovendo implicitamente uma seleção de quem são aqueles que podem ter acesso ao conhecimento historicamente produzido na área, e mais, utilizar-se dos conceitos, problemas e modus operandi da filosofia para realizar uma reflexão sobre o tempo presente.

A educação como condição para que Auschwitz não se repita precisa superar a concepção que possui objetivos centrais em: 1. desempenho nas provas de larga escala; 2. desenvolver competências e habilidades; 3. um ensino que minimiza o conhecimento das áreas como elemento basilar das relações e produções coletivas; 4. profissionalização para atender uma demanda do mercado; 5. otimizar o currículo para inserção do jovem no trabalho. Para alcançar esses objetivos, retira-se das pessoas o acesso, na educação formal e sistematizada, aos conhecimentos das

humanidades, das artes e da filosofia, com a justificativa de que a proficiência em outras áreas exige maior tempo, e a única forma seria retirar as aulas de determinadas disciplinas, que deixam de existir no currículo. Essas práticas, presentes prioritariamente na educação pública que atende a população, não conseguem superar a denúncia feita por Paul Willis no título de sua obra “Aprendendo a ser trabalhador” que o ensino ofertado considera o trabalho da família e oferece uma educação que auxilia a manter as estruturas, com poucas alterações.

Não podemos permitir que a filosofia, as artes e as humanidades se tornem saberes aristocráticos para uma minoria das elites econômicas. Infelizmente, esse é um vício histórico da educação nesses saberes, que, durante muito tempo, também esteve refletido no Brasil. A educação pública plena, que potencializa a formação integral de seus beneficiários, é uma conquista histórica inegociável. As políticas tecnicistas e elitistas de educação, que muito maleficamente vêm ganhando espaço em nosso país, reproduzindo uma suposta política econômica de enriquecimento mediante exportação tecnológica em países do Sudeste Asiático, por exemplo, pretendem formar técnicos hiperespecialistas com pensamento crítico pouco desenvolvido e formação cultural precária. Sem dizer que esse mercado não é para todos; pelo contrário, ele reproduz as cadeias hereditárias de classes que, apesar de ter um pouco mais de mobilidade social que outros sistemas político-econômicos, não cria condições justas de participação social e usufruto de direitos.

O avanço tecnológico, não se pode negar, é muito benéfico à economia de um país, e o Brasil precisa evoluir nesse campo. Mas isso não pode, em nenhuma instância, custar a educação para todos, incorrendo no risco de transformar a cultura geral, especialmente as humanidades, as artes e a filosofia, em artigos de luxo para manutenção do status quo e prestígio social.

Ao considerar o impacto das reformas na educação básica propostas pela Lei Federal 13.415/2017, bem como os seus efeitos na formação superior e no projeto de país que teremos, indagamos como a concepção educacional ofertada à população brasileira colabora para evitar a exclusão social, educacional, econômica e cultural, para humanizar as relações e para possibilitar condições à reflexão de conjunto da nossa sociedade, promovendo o pensar, agir e ser da pessoa humana.

Coragem: uma experiência filosófica

Julia Hass de Lima

Stephany Biesek

Nataly de Freitas de Moraes

Luana Aparecida de Souza

Sthefany Eduarda da Silva Prado

Flavia Maria Krenski

Paulo Renato Araujo Dias

A Olimpíada de Filosofia proporciona uma troca de conhecimento diversificado, que se utiliza de várias ferramentas para a construção de conhecimento filosófico. Dente essas ferramentas destacamos o uso do audiovisual nas aulas de filosofia. As tecnologias de comunicação, presentes em nosso cotidiano, celular, twitter, Instagram etc, possibilitam trazer para nosso contexto um texto escrito a mais de dois mil anos atrás. Fazendo com que o estudante apreenda as especificidades tanto da tecnologia da comunicação escrita como a do audiovisual.

A edição desse ano, onde tivemos a oportunidade de ver trabalhos de várias regiões do Brasil, pois com a pandemia tivemos que fazer online o que dificultou tanto para criar o curta, quanto para fazer a olimpíada. Também houve relatos de alguns alunos que gostaram de participar online e outros que prefeririam ser no presencial, pois assim daria para discutir melhor as ideias, mas foi muito interessante ver curtas explicando sobre a filosofia em problemas atuais e relacionando a filosofia com outras matérias, como a ciência, a arte e outras áreas do conhecimento. A abertura também foi bem interessante, tendo uma explicação sobre a utilização da linguagem audiovisual e depoimento de alunos e professores sobre a organização do evento.

Todos os curtas que foram apresentados na live, se utilizaram da arte de várias maneiras, apresentando a filosofia de forma que a comunidade escolar entendesse e se interessasse. A arte é discutida na filosofia desde o início, como Platão, dizendo que a arte é uma cópia do mundo das ideias e, portanto, não contém beleza, já Nietzsche dizia que a arte é importante, pois é uma forma de aguentar a realidade, até hoje não sabemos qual está certo, mas uma coisa é certa, nós utilizamos a arte para encantar e inspirar as pessoas. É isso que utilizamos na olimpíada de filosofia, transmitimos nossa experiência com a filosofia para que instigue outros a exercitá-la. Aprendemos ângulos de câmera que mostram sentimentos e intenções que não precisam ser ditas, trazemos ideias que hoje em dia são consideradas antigas e de contexto histórico diferente, para a

realidade do aluno, todavia reiteramos que as diferenças das tecnologias de comunicação escrita e audiovisual não significa superioridade de uma sobre a outra no seu objetivo de comunicar.

Já a filosofia deve ser implantada no audiovisual de forma que não fique muito maçante para o público, assim criamos uma história em volta, trazemos elementos do dia a dia e assim as pessoas se identificam e se sentem mais próximas. Mas também podemos criar histórias fictícias ou futurística sobre problemas reais que enfrentamos hoje, colocando assim a filosofia como uma solução ou explicação do problema. Dependendo do audiovisual, a ideia deve ser desenvolvida de forma que você cite o filósofo em alguma cena, criando um diálogo onde no desenvolver da trama os personagens precisem buscar alguma autoridade para entender o que se passa na própria realidade e assim mostrar ao espectador que a filosofia não é só mais uma matéria que aprendemos na escola e mais tarde esquecemos, ela pode ajudar e entender melhor a sua realidade, para assim te ajudar a viver.

Os audiovisuais que foram apresentados, mostravam problemas atuais, como a dificuldade de conseguir ou manter um emprego, problemas com a retirada de algumas disciplinas do ensino médio, problematiza se devemos ter como telos o ingresso em uma universidade? As dificuldades com a pandemia, a relação entre ciência e filosofia, entre outros. Todos eles nos envolviam com a história ou nos faziam sentir representados de certa forma. Mas também é gratificante ter seu material audiovisual escolhido e a oportunidade de poder discutir com os outros suas ideias, isso te deixa motivado para criar mais conteúdo, deixando as aulas de Filosofia contextualizada com nossas vivências e colaborando para o desenvolvimento sua criatividade, pois mesmo que pareça fácil, é difícil criar uma história com um clímax definido, e tendo relação com a filosofia. Além de passar dias gravando para poder transmitir a mensagem para o público.

“Foi uma honra fazer parte desse projeto tão incrível, sem dúvidas marcou o Ensino Médio, “coragem” na defesa dessa disciplina que tanto colabora com a nossa formação, vamos levar essa lembrança para a vida toda” obrigado (a).

A mediação como propulsora do diálogo e do filosofar

*Luciana Vieira de Lima
Raquel Aline Zanini*

A Olimpíada de Filosofia do NESEF sempre teve como um de seus fundamentos basilares o protagonismo dos estudantes, pois, além de apresentarem seus trabalhos, eles filosofam, dialogam e trocam com os demais participantes suas experiências relativas à disciplina de Filosofia. Neste contexto o mediador tem uma função substancial: instigar e incentivar o debate a fim de fomentar a troca das experiências e o filosofar a partir do pensamento reflexivo, sem deixar em segundo plano o elemento central que é a participação dos estudantes.

Essa edição, em especial, realizada de modo on-line devido à pandemia de Covid-19, permitiu a participação de estudantes de diversos estados e realidades brasileiras, o que proporcionou uma experiência diferente e bastante significativa para os mediadores do evento, que precisaram focar ainda mais na ação em prol da promoção do debate e conduzir dialogicamente as relações entre as distintas reflexões trazidas por cada uma das experiências do filosofar.

Esse processo teve uma relação direta com a organização das apresentações, com o encadeamento das discussões e com a relação estabelecida com a realidade concreta dos participantes. Em uma das salas de ensino fundamental, que reuniu estudantes do sexto ao nono ano e uma equipe do primeiro ano do ensino médio, foi possível observar discussões éticas e políticas sobre o período da pandemia, bem como uma troca substantiva a respeito de questões sobre preconceito de gênero e racial, que permeiam seus cotidianos.

Na sala de ensino médio constatou-se também uma relação direta com os acontecimentos atuais relativos a questões políticas, como a disseminação de *fake news*, o negacionismo e as relações de gênero. As apresentações primaram por um viés bastante crítico e sublinharam a importância da filosofia, assim como as demais disciplinas das Ciências Humanas, para a construção do pensamento crítico e para a formação da cidadania; já, o que tange a participação no debate, após as apresentações dos trabalhos, os estudantes fizeram conexões produtivas entre os trabalhos.

Ao analisarmos comparativamente duas salas por nós mediadas, uma de estudantes do ensino

fundamental e a outra do ensino médio, verificou-se um aspecto interessante: a disponibilidade dos estudantes para as relações no modo on-line. Enquanto na sala do fundamental, a totalidade dos presentes mantinham suas câmeras ligadas ou as ligavam para falar (devido a questões de conexão), por outro lado, na sala de ensino médio, na maioria das vezes, até mesmo no momento das apresentações e do debate, elas permaneciam desligadas, demonstrando que a disponibilidade para a interação de cada faixa etária foi distinta, comportamento que não altera o grau de participação dos discentes, ou seja, a ação comunicativa aconteceu, mas exigiu do mediador ainda mais presença na condução e troca.

Essa experiência evidenciou mais uma vez que a filosofia, enquanto disciplina, não se destina a um nível de ensino específico, mas sim, impõem a necessidade de compreendermos e pensarmos o papel dos espaços educativos não só na perspectiva de ensino e aprendizagem e da adaptação, mas essencialmente como o lugar da formação humana. Sendo imprescindível reconhecermos que isto só é tangível como um processo que se dá desde a infância, oriundo do filosofar enquanto elemento do questionamento da realidade concreta e cotidiana, somando a ela os saberes filosóficos historicamente construídos, pois estes subsidiam uma relação crítica e necessária para uma compreensão do mundo, propulsionando as relações humanas e a formação dos indivíduos, que tem relação direta com amadurecimento e o desenvolvimento "como pessoas humanas" (SEVERINO, 2002, p. 189)¹ que tenham a capacidade de reconhecer a irracionalidade evitando que esta se torne racional.

¹ SEVERINO, Antônio Joaquim. **A filosofia na formação do jovem e a ressignificação de sua experiência existencial**. In: KOHAN, Walter. *Ensino de filosofia – perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

A Olimpíada de Filosofia e a experiência do filosofar

Lidiane Grutzmann
Mayco Delavy

O biênio 2020/2021 ficará para a história como os anos em que a *terra parou*. Os sistemas simbólico-culturais em que se estrutura o modelo de civilização ocidental foram questionados por uma não-vida, um vírus, lançando as sociedades a uma parada forçada e a uma revisão de seus objetivos.

Por mais que a *cruel pedagogia do vírus* tenha também sido incorporada pelo sistema de produção atual, o modelo em que se assentavam as práticas foi, sim, alterado por um período longo. Para a educação não foi diferente. A escola remota nasce das ruínas impostas a um modelo de educação pautado nas relações humanas e sociais.

Para o campo do filosofar, experiência por natureza dialógica, esses impactos não ficaram à margem. Com as aulas remotas, muitas readequações foram necessárias, impondo a pergunta: como filosofar tendo sido obrigado a afastar-se das relações humanas imediatas e presenciais? A participação dos estudantes do Colégio Nossa Senhora Medianeira nessa VIII Olimpíada do NESEF-UFPR, nos

parece, foi uma resposta a esse questionamento de fundo. Como instituição de ensino privada, estruturamos todo o trabalho, desde abril de 2022, para viabilizar a participação e envolvimento das crianças e adolescentes, do 6º ao 9º ano, à proposta da Olimpíada. As temáticas sobre a Indústria Cultural e os *Integrados e Apocalípticos*, a necropolítica, a Árvore de Descartes, os Direitos Humanos, a banalização da vida e da morte nortearam as reflexões

dos trabalhos produzidos. Em todos eles, a marca do distanciamento físico e o desejo de estar-com e de construção de uma razão pública estiveram presentes.

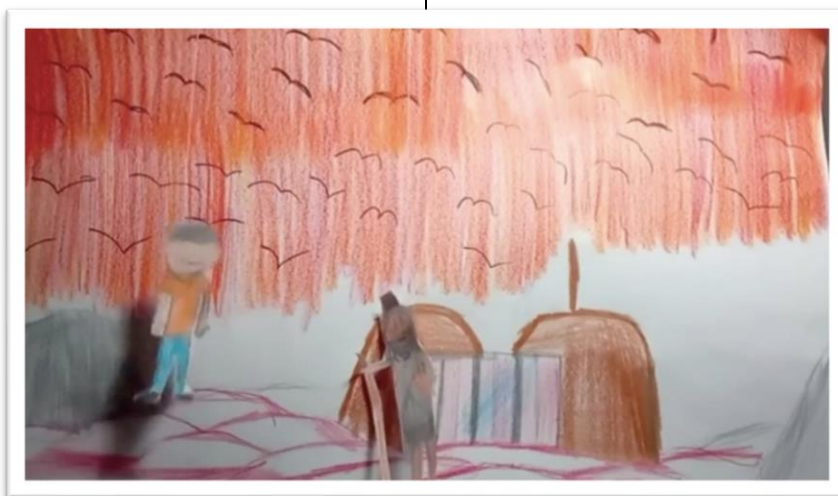
Foram 23 grupos inscritos e participantes da fase final e mais de 95 estudantes envolvidos. No momento em que a vida parece *voltar ao normal*, o exercício da filosofia com as crianças nos ajuda a fugir do senso comum e nos lança uma nova questão: a que *normal* estamos retornando?

Com toda a certeza, uma “normalidade” que continua a desconsiderar o outro em sua dignidade humana e filosófica. Neste novo-velho território de disputa, parece que venceu, novamente, uma visão de

sociedade cuja racionalidade é da exclusão e do apagamento e é justamente por isso que a defesa de formas de razão e sensibilidade públicas são ainda mais urgentes e pertinentes com crianças e adolescentes. Se a filosofia é um exercício para a vida,

na infância e adolescência temos um campo fértil de abertura para outras formas de existir, possibilidades de construção do totalmente novo sem o peso de formas ideológicas e culturais que por vezes se fecham à compreensão da alteridade.

Neste momento de tantos ataques às humanidades, o exercício filosófico é uma resposta racional e afetuosa de defesa da vida e da liberdade humana.



Participe do Jornal

ENVIE SEU ARTIGO PARA
jornalsisifo@gmail.com

Editores: Geraldo Balduino Horn
Alexsander Machado